



XXXI Congresso de
Iniciação Científica
Unicamp

2023



“ Pedagogia da Alternância e projeto social para o campo brasileiro-uma abordagem histórica”

Luiz Paulo Barros da Silva
Prof^a.Dr^a. Fabiana de Cassia Rodrigues

Faculdade de Educação-Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Resumo:

Este projeto traz a proposta de análise histórica da pedagogia da alternância no Brasil. Trata-se de discutir a Pedagogia da Alternância em seus diversos momentos e sua contribuição para a educação em territórios rurais. Desta forma, será possível compreender como a Pedagogia da Alternância foi adotada em diferentes cenários históricos. Desse modo, o objetivo geral estudar historicamente a pedagogia da alternância no Brasil, buscando identificar as relações entre as práticas educacionais e a discussão que concerne ao projeto social para o campo em cada uma das quatro fases elencadas por Begnami (2003). Esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa de base bibliográfica. (SEVERINO, 2014).

Palavras Chave: Pedagogia da Alternância, Educação, Projeto social para o campo

Introdução:

A minha experiência como filho assentado há mais de dez anos no assentamento Mário Lago situado em Ribeirão Preto/SP, atuando no setor de educação em 2010, mais especificamente na educação infantil, me trouxe várias inquietações. Uma delas referia-se ao questionamento das razões pelas quais os filhos dos assentados tinham que ir para a cidade em busca de escola, ainda porque as escolas da cidade utilizam a metodologia tradicional não levando em conta a realidade dos alunos assentados e por esse motivo muitas crianças tinham dificuldade em aprender certos assuntos. Isso me levou a pesquisar sobre a existência de uma metodologia pedagógica adequada para o campo. Depois de muitas pesquisas, conheci a pedagogia da alternância, uma metodologia que busca a interação entre os estudantes

camponeses e seu cotidiano, em que há a interação entre o trabalho no campo e o ambiente escolar.

Assim, me interessei pelo tema pois trata-se de uma metodologia de ensino que leva em consideração e valoriza as experiências que os alunos trazem através da mediação entre escola, família e comunidade, utilizando meios que incentivem o processo de ensino e aprendizagem, por meio da interdisciplinaridade e de eixos temáticos. Dessa forma, a metodologia busca respeitar as peculiaridades regionais e busca valorizar a história e cultura das pessoas que vivem no campo.

A fim de entender essa metodologia e sua importância para a educação no campo, o trabalho teve como objetivo realizar um estudo histórico que relacione a prática da pedagogia da alternância com as especificidades das relações sociais no campo brasileiro.

A Pedagogia da alternância é uma metodologia que se originou da França em 1935, em Lot-et Garone, região no sudoeste francês (CHARTIER, 1986). A criação desta nova metodologia teve como ponto de partida o diálogo de um pai, Jean Peyrat, com o seu filho Yves que o questionou sobre querer trabalhar no campo ao invés de querer ir para a escola. Esta breve conversa serviu para levantar as problemáticas que havia no campo e com ajuda do padre da comunidade L'Abbé Granereau, junto a outros camponeses, foi criada a primeira Maison Familiale Rurale (MRF). (PESSOTI,1978)

Assim, a Pedagogia da Alternância tem em sua base a formação profissional agrícola e a permanência dos jovens agricultores no meio rural. Inicialmente a proposta era direcionada a jovens do sexo masculino, desta maneira, buscava fortalecer o vínculo entre o jovem agricultor, a terra e a comunidade a qual ele pertencia. (SILVA, 2003).

Em 1945, houve um grande processo de expansão das MFRs, este grande movimento serviu para que o método da Pedagogia da Alternância chegasse a América. (ESTEVAM,2003). No Brasil, a pedagogia da alternância surge em 1969, por meio da ação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES). Na região sudeste no Estado do Espírito Santo, no município de Rio Novo do Sul, foi fundada a Escola da Família Rural Alfredo Chaves e, posteriormente, a Escola da Família Rural de Olivânia na cidade de Anchieta, assim são originadas as primeiras EFAs (Escola da família Agrícola) do país. (MENEZES,2001, PESSOTTI, 1978).

Depois, em várias outras regiões brasileiras começam a se adaptar as escolas rurais ao modelo da Pedagogia da Alternância, como no Nordeste onde houve a criação de uma CFR em Arapiraca, no estado de Alagoas em 1981. Entre 1987 e 1991 houve experiências na

região Sul nos Estados do Paraná e Santa Catarina nos municípios de Barracão (PR) e Quilombo (SC) (VIER, 2005).

No Brasil, a Pedagogia da Alternância manteve-se inspirada no modelo francês, mantendo vínculo com a Igreja Católica nas CRFs. (CHARTIER,1986). Assim, buscou associar cultura, educação, terra e a comunidade com a vida social do jovem camponês. (BEGNAMI, 2006).

O ano de 1945, foi marcado por um enorme processo de expansão das MFRs,não se limitando apenas na Europa, o modelo da Pedagogia da Alternância também chegou até a África. (CHARTIER, 1997).

A experiência africana se deu no Senegal, onde toda estrutura política, econômica e social era totalmente diferenciada da europeia. Outro fator que se diferenciava era o alto número de evasão escolar na educação primária africana, apenas 4% a 20% da população com idade escolar era abrangida. Os jovens africanos também não se identificavam com a terra, a escola era vista como uma fuga do meio rural e as técnicas de agricultura eram totalmente primárias. Portanto, com todas essas diferenças era preciso pensar uma Pedagogia da Alternância totalmente diferenciada do modelo francês.

A principal proximidade, tanto com o modelo francês quanto com o brasileiro, era a presença da Igreja. A implementação da primeira EFA não obteve sucesso, a partir deste começo negativo foi necessário pensar as particularidades de cada região que teria a Pedagogia da Alternância como modelo começando então um momento de cooperação entre os pedagogos franceses, as famílias e a Igreja.

Segundo Nosella (2014) a cooperação advinda dos pedagogos, das famílias foi fundamental para começar a organizar a estrutura sistemática da Escola da Família. Foi neste contexto de análise da realidade local que a experiência africana de Escola da Família se consolidou no Senegal. Desta forma, a experiência africana aponta como a metodologia das Escolas da Família pode ser aplicada em locais diversos.

Metodologia:

Esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa de base bibliográfica. (SEVERINO, 2014). Sendo assim, a investigação foi baseada na revisão bibliográfica acerca de dissertações, teses, livros, documentos impressos e artigos científicos que se concentraram no estudo de experiências que se vinculam a uma ou mais fases da pedagogia da alternância no Brasil. Foi realizada uma organização e sistematização cronológica das experiências, em

função das quais foram estudadas as relações sociais prevalentes no campo em diferentes períodos históricos no país.

Resultados e discussão:

Para se estudar a trajetória da Pedagogia da Alternância no Brasil, é necessário analisar os estudos publicados por Begnami (2003). Em suas publicações o autor divide a história da Pedagogia da Alternância em 4 momentos, sendo estes: 1ª fase (1969-1972), 2ª fase (1972), 3ª fase (1982) e 4ª fase (1990). Importante ressaltar também as contribuições de Nosella (2014), em sua obra intitulada “Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil” é retratado o passo a passo da Pedagogia da Alternância em território nacional.

Ao estudar a história da Pedagogia da Alternância, faz-se necessário entender que anteriormente no Brasil já existiam outras alternativas de educação para o homem do campo. Antes da Pedagogia da Alternância aparecer como proposta para a educação no campo, em 1952 já existia CNER (Campanha Nacional de Educação Rural), esta tinha como objetivo adequar o camponês ao desenvolvimento econômico por meio da Educação de Base. Assim, a CNER é considerada um marco na história da educação rural brasileira, pois constitui-se na primeira iniciativa de ação sistematizadora para o campo.

Cada fase da Pedagogia da Alternância tem suas especificidade, a 1ª fase (1969-1972) é marcada pela grande atuação da igreja católica, sendo o MEB (Movimento Educação de Base) principal articulador e neste período a Ditadura Militar (1964-1985) estava no seu auge. A 2ª fase (1972), tem o Partido Comunista com grande destaque em difundir as ideias socialistas baseadas em Karl Marx. As EFAs (Escola das Famílias Agrícolas) estavam em período de expansão, o que possibilitou a utilização da Pedagogia da Alternância como método para a educação no campo.

A 3ª fase (1980), é caracterizada pela consolidação do MST, declínio da Ditadura Militar, chegada da Pedagogia da Alternância em territórios da reforma agrária, origem do Movimento Nacional de Educação do Campo, atuação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos Brasil) em áreas rurais. Por último a 4ª fase, tem o reconhecimento da solidificação do Estado Democrático, a Pedagogia da Alternância passa a ser pensada para realidade brasileira deixando de ser uma repetição das experiências europeias. O intercâmbio das experiências de educação no campo com a AIMFR (Association Internationale des Mouvements Familiaux de Formation Rurale) possibilitou a troca de novas experiências para a educação do campo.

Nesta década dois eventos são considerados importantes, sendo: I ENERA (Encontro Nacional dos Educadores da Reforma Agrária), ocorrido entre 28 a 31 de julho de 1997, em Brasília-DF e a I Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo, em julho 1998, no município de Luziania-GO. Assim, estas são as especificidades que marcaram as 4 fases da Pedagogia da Alternância no Brasil.

Desde antes da Pedagogia da Alternância até sua chegada no Brasil na década de 1960, é possível observar como os acontecimentos históricos na educação rural brasileira, possuem desdobramentos importantes que dialogam entre si. Nota-se também que nas décadas de 60 e 70, a educação voltada para o homem do campo tinha um caráter tecnicista, ou seja, adequar o trabalhador rural ao desenvolvimento econômico do país, e deixando de lado toda sua cultura, vivência, experiência etc. Já nas décadas de 80 e 90 uma nova maneira de pensar a educação para os camponês surge, sendo a educação do campo, está sendo uma contraposição a educação rural, buscando trazer os valores do homem do campo para que ele possa analisar e observar o mundo conforme sua visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEGNAMI, J.B. *Formação pedagógica de monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias*. Universidade de Nova de Lisboa - Portugal. Universidade François Rabelais de Tours - França. Belo horizonte - MG. Dezembro, 2003.

BEGNAMI, J.B. **Pedagogia da Alternância como sistema educativo**. *Revista da Formação por Alternância*. Brasília: UNEFAB, 2006, n. 3. p. 24-47.

ESTEVAN, D. de O. ***Casa Familiar Rural: A formação com base na Pedagogia da Alternância***. Florianópolis: Insular, 2003. 126.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Escola Família Agrícola (EFA). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira-Educa Brasil*. São Paulo. 2001

NOSELLA, P. ***Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil***. Coleção Educação do Campo. EDUFES. Vitória. 2014.

PESSOTTI, A. L. ***Escola da Família Agrícola uma alternativa para o ensino rural***. Rio de Janeiro, 1978. 194 p. Dissertação (Mestrado) -Fundação Getúlio Vargas-IESAE.1978.

SEVERINO, Antônio Joaquim, ***Metodologia do Trabalho Científico***. Cortez Editora. São Paulo. 2014.

SILVA, L.H. ***As experiências de formação de jovens campo: alternância ou alternâncias?*** Viçosa: UFV;2003.

VIER, L. J. ***Educação que garanta a formação de agricultores***. Porto Alegre: FETAG/RS. n. 1. p. 11-12, set. 2005.